

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Gestão e práticas pedagógicas 2



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Gestão e práticas pedagógicas 2



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



A educação enquanto fenômeno social: gestão e práticas pedagógicas 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação enquanto fenômeno social: gestão e práticas pedagógicas 2 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0424-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.248220908>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência e buscando superar problemas estruturais, como a desigualdade social por exemplo. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores/as pesquisadores/as.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo de trato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. O cenário político de descuido e de trato com as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado “**A Educação enquanto fenômeno social: Gestão e práticas pedagógicas**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, os diferentes sujeitos que fazem parte dos movimentos educacionais.

É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os inúmeros capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que o intercrusa.

Neste livro, portanto, reúnem-se trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional, tendo a Educação enquanto fenômeno social importante para o fortalecimento da democracia e superação das desigualdades sociais.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NOS CAMINHOS EMANCIPATÓRIOS – UMA VISÃO SOCIOLÓGICA

Enio Waldir da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209081>

CAPÍTULO 2..... 19


TRABALHO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: A EXPANSÃO E INTERIORIZAÇÃO DOS INSTITUTOS FEDERAIS

Suelma dos Reis Pereira Alves

Leia Adriana da Silva Santiago

Marco Antônio de Carvalho


Rosita Camilo de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209082>

CAPÍTULO 3..... 31

AS FORMAÇÕES DOS PROFISSIONAIS DIGITAIS, LIDERANÇA E GESTÃO DE EQUIPES

Débora Valentim dos Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209083>

CAPÍTULO 4..... 38

A RECEPÇÃO DA IMAGEM INDÍGENA CONSTRUÍDA A PARTIR DOS LIVROS DIDÁTICOS

Tatiana Machado Boulhosa


Igor Lima Lopes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209084>

CAPÍTULO 5..... 51

A RELAÇÃO ENTRE ALFABETIZAÇÃO, PSICOMOTRICIDADE E NEUROCIÊNCIA: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Eva Margarini Venâncio de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209085>







CAPÍTULO 6..... 63

AMPLIFICADORES CULTURAIS ENQUANTO TECNOLOGIAS DE APOIO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL: ASSERTÇÕES PSICOLÓGICO-PEDAGÓGICAS A PARTIR DA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL

Clarisse Daminelli Borges Machado

Edson Schroeder

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209086>

CAPÍTULO 7	72
UMA CONTRIBUIÇÃO LITERÁRIA SOBRE A TEMÁTICA DA FORMAÇÃO DOCENTE	
Maria Cecília Ribeiro Alves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209087	
CAPÍTULO 8	80
REVISÃO HISTÓRICA DO CINEMA DE RUA EM NATAL– RN E AS POSSIBILIDADES DO STREAMING	
Alessandro da Silva Maia	
Mary Land de Brito Silva	
Paulo Guilherme Muniz Cavalcanti da Cruz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209088	
CAPÍTULO 9	95
ECOSISTEMAS DE INVESTIGACIÓN, DESARROLLO E INNOVACIÓN EDUCATIVA PARA EL DESARROLLO DE PROYECTOS DE APRENDIZAJE POR SERVICIO SOSTENIBLES	
Emilio Álvarez Arregui	
Covadonga Rodríguez-Fernández	
Sara de la Fuente González	
Alejandro Rodríguez-Martín	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.2482209089	
CAPÍTULO 10	116
A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PERSPECTIVAS INSTITUCIONAL E CULTURAL	
Alexandre Souza de Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090810	
CAPÍTULO 11	130
VICISITUDES EN LA TRANSICIÓN EDUCATIVA DE LO PRESENCIAL A LA VIRTUAL CAUSADA POR EL COVID-19 EN LA REGIÓN MIXTECA	
Olivia Allende Hernández	
Celia Bertha Reyes Espinoza	
Liliana Eneida Sánchez Platas	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090811	
CAPÍTULO 12	142
LIBERDADE NA CIDADE: RELAÇÃO ENTRE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E RECURSOS URBANOS (A PRAÇA E A CAPOEIRA)	
Lucélia Novaes Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090812	
CAPÍTULO 13	154
QUALIDADE DE VIDA E NÍVEIS DE ESTRESSE, ANSIEDADE E DEPRESSÃO DE	

DOCENTES UNIVERSITÁRIOS

Naitheli da Silva Caires
Elen Cristina Chaves Oliveira
Berta Leni Costa Cardoso
Keyla Iane Donato Brito Costa
Arthur Oswaldo Pereira Prado Netto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090813>

CAPÍTULO 14..... 166

A DISTÂNCIA ENTRE O PREVISTO E O REALIZADO NA ORGANIZAÇÃO DOS CICLOS ESCOLARES E DA PROGRESSÃO CONTINUADA NA CIDADE DE SÃO PAULO


Ronaldo Tiago Marques de Jesus
Claudia Pereira de Pádua Sabia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090814>

CAPÍTULO 15..... 192

NUEVOS PARADIGMAS EN LA ENSEÑANZA DE INGENIERÍA: COMPETENCIAS SOCIALES, POLÍTICAS Y ACTITUDINALES

Diego Jesús Conte
Darío Rodolfo Echarreta
Norma Yolanda Haudemand

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090815>

CAPÍTULO 16..... 206

AÇÕES EM GRUPOS DE PESQUISAS: CONTRIBUIÇÕES DURANTE A FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE


Leonardo Avelhaneda Hendges
Andrei Alves Tavares
Eduardo Adolfo Terrazzan

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090816>

CAPÍTULO 17..... 218

A GESTÃO DO ACESSO LIVRE AO CONHECIMENTO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR, ESTUDO DE CASO SOBRE REPOSITÓRIOS DE ACESSO ABERTO: REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA


João Firmino Soares Abreu Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090817>

CAPÍTULO 18..... 235

EL EXTERIOR DEL AULA: UN ESPACIO LLENO DE OPORTUNIDADES PARA LA FORMACIÓN Y LA INNOVACIÓN DOCENTE EN EDUCACIÓN SUPERIOR


Román Nuviala Nuviala
Gabriela Nogueira Puentes
Guillermo Morán Gámez
David Falcón Miguel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090818>

CAPÍTULO 19.....241

A APRENDIZAGEM COOPERATIVA ATRAVÉS DE JOGOS NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA


Raquel Neves Batalhas
Tiaria Graça dos Santos
Efigenia Graça dos Santos
Cenilda Graça Ribeiro
Jacqueline Costa Quinta Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090819>

CAPÍTULO 20.....254

ESCOLA DO CAMPO, INTERFACES DIGITAIS E PARADIGMAS PARA A EDUCAÇÃO NO/DO FUTURO


Geovânia Souza do Nascimento
Miquéias Moreira de Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090820>

CAPÍTULO 21.....266

PROJETO RECOMEÇO – UMA EXPERIÊNCIA NO MUNICÍPIO DE SABARÁ


Augusta Isabel Junqueira Fagundes
Lilianny Garcia de Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090821>

CAPÍTULO 22.....275

A IMPORTÂNCIA DO GESTOR ESCOLAR NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO


Izana Teixeira Pinheiro Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090822>

CAPÍTULO 23.....288

ALFABETIZACIÓN INFORMACIONAL: EFECTO EN EL DESARROLLO DE LA COMPETENCIA INFORMACIONAL EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS


Edgar L. Martínez-Huamán
José Luis Estrada Pantía
Rosario Villar-Cortez
Cecilia Edith García Rivas Plata
Jorge Wilmer Elías Silupu
Emilia Villar Cortez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090823>

CAPÍTULO 24.....297

UMA ANÁLISE CRÍTICA A CERCA DOS OBJETOS/BRINQUEDOS, E SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO E SISTEMATIZAÇÃO DO BRINCAR DENTRO DA ESCOLA

Fábio Carvalho Rodrigues
Ronan Ahmad Juste Ayoub
Junio Pereira Virto de Oliveira
Aline Aparecida Miranda Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090824>


CAPÍTULO 25.....309

ESTÁGIO DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR NO CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂCIA:
RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

João Pedro Macedo Nascimento Fernandes

Adelmo Carvalho da Silva

Sueli Fanizzi


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090825>

CAPÍTULO 26.....317

O ERRO COMO OPORTUNIDADE DE APRENDIZAGEM: UM NOVO MÉTODO APLICADO
NA DISCIPLINA TÉCNICA DE ACIONAMENTOS ELÉTRICOS E PROTEÇÃO NO IFRO

Sirley Leite Freitas


Joab da Silva Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090826>

CAPÍTULO 27.....328

OPORTUNIDADES DE LA VIRTUALIZACIÓN PARA LA CONSOLIDACIÓN DE
COMPETENCIAS ESPECÍFICAS EN LOS ESTUDIANTES DE LA ASIGNATURA
ENSEÑANZA APRENDIZAJE

Belkis Jamileth Duarte Nares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.24822090827>

SOBRE O ORGANIZADOR.....343

ÍNDICE REMISSIVO.....344

CAPÍTULO 1

A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NOS CAMINHOS EMANCIPATÓRIOS – UMA VISÃO SOCIOLÓGICA

Data de aceite: 01/08/2022

Enio Waldir da Silva

Professor Doutor em Sociologia do DCJS

Pesquisa institucional desenvolvida no DCJS- Unijui. Grupo de Pesquisa Fundamentação e Concretização dos Direitos Humanos. e Grupo de Estudo em Educação Popular

RESUMO: Como nascem as violências humanas? Uma pergunta para uma reflexão sobre as respostas sobre o que é a humanidade da vida e sobre como podemos conviver com base em uma igualdade de dignidade da vida. Se ainda não há uma resposta é por que ainda é necessário continuar elucidando a própria pergunta que pressupõe que se não sabemos como algo nasce e cresce também não saberemos como acabar com ele. Entendemos que a agressão está vinculada a natureza da personalidade ansiosa da pessoa e é passível de remédio para controlar e conviver com ela, assim como o conflito é próprio das diferenças humanas nas relações pessoais passíveis de acordos e controles. Mas a violência é a explosão da agressão e do conflito que gera o sofrimento humano e é descontrolada, indimensionável, circular e destrutiva. Por isso precisamos antídotos que não permita seu nascer. Apostamos na cultura dos direitos humanos como conteúdo da educação de todo o ser humano em sociedade. Neste texto, analisamos nossas relações sociais permeadas por ambientes de violência e pelos discursos sobre as ações tensas

relacionadas a conflitualidades e agressões entre os indivíduos. Este contexto produz a impressão de que vivemos em uma cultura de violência, ou que ela já existe como um código de sociabilidade, uma norma social, mostra, porém que a educação escolar se constitui no antídoto a esta cultura. Ao contextualizarmos a violência como fato humano e presença cotidiana e constante, somos levados a refletir sobre a crise sistêmica, especialmente porque ela é refletida nos aspectos afetivos, sociais, políticos, econômicos e culturais. Mostraremos aqui que os estudos sobre alternativas à violência mostram que, primeiramente, há a necessidade de situar as configurações sociais de onde ela brota, as sociabilidades que atingem e a avassaladora onda de estranhamentos entre os indivíduos que colocam em risco, inclusive, as estruturas do Estado Democrático de Direito. Este artigo fundamenta-se em abordagem qualitativa e dialética de estudos bibliográficos.

PALAVRAS-CHAVE: Emancipação; Violência; Educação, Direitos Humanos.

HUMAN RIGHTS EDUCATION IN THE S WAYS EMANCIPATIVE – AN SOCIOLOGICAL VISION

ABSTRACT: How are human violence born? A question for a reflection on the answers about what is the humanity of life and how we can live on the basis of an equal dignity of life. If there is still no answer, it is still necessary to continue to elucidate the very question that assumes that if we do not know how something is born and grows we will also not know how to end it. We understand that aggression is linked to the nature

of the person's anxious personality and is susceptible to medicine to control and live with them, just as the conflict is proper to human differences in personal relationships that can be agreed and controlled. But violence is the explosion of aggression and conflict that generates human suffering and is uncontrolled, unsizable, circular and destructive. That's why we need antidotes that won't allow them to be born. We bet on the culture of human rights as the content of the education of every human being in society. In this text, we analyze our social relations permeated by environments of violence and discourses about tense actions related to conflicts and aggressions among individuals. This context produces the impression that we live in a culture of violence, or that it already exists as a code of sociability, a social norm, but that school education constitutes the antidote to this culture. By contextualizing violence as a human fact and a daily and constant presence, we are led to reflect on the systemic crisis, especially because it is reflected in the affective, social, political, economic and cultural aspects. We will show here that studies on alternatives to violence show that, first, there is a need to situate the social configurations from which it springs, the sociability they reach and the overwhelming wave of strangeness among individuals who put at risk, including the structures of the Democratic State of Law. This article is based on a qualitative and dialectical approach of bibliographic studies

KEYWORDS: Emancipation; Violence; Education, Human Rights.

INTRODUÇÃO

A violência traduz a complexidade das sociabilidades e o desconforto das relações sociais embrenhadas em laços de estranhamentos e de sentidos ameaçadores das perspectivas de uma ordem social que assegura as vivências e convivências humanas. As ciências, os partidos, os movimentos sociais, as instituições e as organizações não conseguem propor algo duradouro e universal que assegure a paz social. Além disso, possuem dificuldades de propor alternativas para enfrentar aquilo que gera as situações de violência: a lógica do capitalismo de mercado que busca, incessantemente, o lucro, a exploração, a dominação, a concorrência e a livre acumulação. As artimanhas que forçam a cultura do consumismo tornam-no um ópio que impede o indivíduo de perceber sua dignidade e, por consequência, a dignidade do outro. Da violência objetiva do sistema é gerada a violência subjetiva que se expressa em mentes aliciadas sem disposições para vida simples, solidária e igualitária.

A violência estrutural e sistêmica transforma os bens necessários à vida de todos os seres humanos, como a terra, a água, o ar, a energia, as sementes, a informação, a tecnologia, a educação, a medicina, a cultura, os meios de comunicação, etc., em mercadorias passíveis de apropriação, de acumulação e de especulação privada. Este sentido exploratório implica a privação do acesso da imensa maioria da humanidade a tais recursos considerados essenciais à vida digna, ao direito humano individual. Reflexões sobre violência e os direitos humanos pode nos mostrar que é preciso que indivíduos e grupos se organizem para enfrentar a mercantilização da vida, as exclusões e as crescentes

desigualdades sociais existentes, além de ser necessária a recriação de regulações sociais, compatíveis com a vida digna, frutos de pactos de sujeitos livres em diálogos democráticos.

Abordagens atuais destes temas indicam que os mecanismos racionais de controle social criados na modernidade não foram eficazes para tratar da violência e da conflitualidade humana. Embora sempre em crise, nos últimos tempos, estes mecanismos vêm sofrendo críticas avassaladoras diante da ineficácia e ineficiência em tratar dos efeitos de uma estrutura social injusta. Os direitos humanos, por exemplo, nasceram e vieram ao lado do agravamento das situações de violência, embora se tornassem um discurso recorrente e uma espécie de dique contra a avassaladora onda de estranhamentos entre os indivíduos que resultou na situação atual de violências, provocando e colocando em risco, inclusive, as estruturas do Estado Democrático de Direito, além de ser uma cultura de desrespeito que se torna fonte de constrangimento das sociabilidades humanas.

Vamos destacar aqui as explicações sociológicas mais prementes sobre a violência e as culturas dali advindas, as tipologias e as alternativas que se apresentam no campo das ciências humanas e sociais.

A VIOLÊNCIA COMO EXPRESSÃO DA CRISE CIVILIZACIONAL

A sociologia jurídica e a sociologia da violência nos mostram a violência como fonte e constrangimento de sociabilidades. Por isso, nosso referencial de pesquisa não se restringe a uma microsociologia apegada a casos ou tipos de violência e sim a uma abordagem mais geral que reflete sobre a implosão das conflitualidade dos tempos atuais.

Assim, compreende-se que, quando os seres humanos são atingidos em uma de suas realidades sociais, econômicas, culturais, éticas, políticas, afetivas, estéticas, espirituais a ponto de gerar dor e sofrimento, dissemos que há violências. Esta definição inicial já demonstra a dificuldade em esclarecer a violência como fato empiricamente medível. Porém, se fatos constroem os indivíduos para o exercício humano dos deveres e direitos, eles atingem as sociabilidades, que são atos de promover a dignidade da vida em convivência.

Embora existisse em todas as fases históricas, a violência adquiriu características específicas nos contextos diferenciados. Quando está mais presente nas relações sociais, como hoje, conforme diz a sociologia, a violência é muito destrutiva e anticivilizacional por atingir ser divulgada por todos os espaços sociais.

Desvelar as formas e tipos de violência não é suficiente, pois colabora para ações pontuais ligadas à idéia de que alguns possuem receitas, como é o caso do encarceramento em massa nas sociedades atuais. Dois espaços colaboram para identificar a variedade de violências de hoje: academia elabora teorias críticas, e os movimentos sociais lutam por reconhecimento e justiça sociais, tendo como base as vivências e convivências sociais. Isso permite a emergência de algumas políticas públicas e a institucionalização de normas,

embora se constate o aumento da criminalidade e da violência.

Isso fortifica a argumentação de que vivemos uma cultura de violência nas relações sociais pois, além de estarmos rodeados por ambientes e discursos, estamos com muitas ações tensas relacionadas a ela. Santos, (2011), chega a perguntar se não está *nascendo um código de sociabilidade orientado pela violência*, ou se, a partir da linguagem da violência, estaria *nascendo uma nova norma social*. Ao dizer isso, o autor contextualiza a violência como um ato de incivilidade inserida num tempo social, político, econômico e cultural, em que tudo parece entrar em crise sistêmica e onde os grupos particulares a usam como estratégia de resolver conflitos, meio de aquisição de bens materiais, obtenção de prestígio ou defesa de poder. De qualquer forma, estamos diante de fim de valores universais, próprio de uma sociedade fragmentada, heterogênea e global¹.

Na sociologia, os estudos da violência são amplos e complexos, e nem sempre se encaixam paradigmas explicativos. Há, no entanto, alguns que reclamam a necessidade de paradigma, mostrando que não estamos podendo analisar dentro do paradigma político, econômico e social, sob o qual se assentava o pensamento sociológico do último século. Touraine, por exemplo, escreve que necessitamos de um novo paradigma para que possamos nos situar com capacidade para nomear os novos atores, os novos conflitos, as representações do Eu e das coletividades. Defende uma proposta de paradigma cultural², pois estamos em uma era tecnológica e de informação em que os discursos informam sobre a era da violência interpessoal, do fim do social, e o triunfo de um individualismo desorganizador das agências socializadoras como a família, a escola, a religião, as leis, etc. (TOURAINÉ, 2006; p.10).

A violência³ do tempo atual carrega múltiplos sentidos ameaçadores de qualquer perspectiva de ordem para nossas vivências e convivências e amordaça disposições até mesmo para pensar alternativas, como diz Boaventura de Sousa Santos⁴ e de construir novas subjetividades que queiram pensar e agir em nome de outras formas de sociabilidades.

A solidariedade é, portanto, uma das características mais comuns dos sentimentos humanos e é um dos elementos universais presentes na lógica da humanidade dos indivíduos e não a competitividade como vinham defendendo as concepções liberais da modernidade. Quando essa força humana de solidariedade é percebida e desenvolvida, vemos brotar a grandeza da igualdade humana. E foi a imaginação de um futuro mais promissor que levou muitos atores sociais a provarem que a grandeza da história humana está marcada pelos momentos em que houve ações coletivas solidárias; quando a humanidade apenas

1 SANTOS, José Vicente Tavares (Org). **Violência e Cidadania** – Práticas sociológicas e compromissos sociais. Porto Alegre: Sulinas; UFRGS, 2011; p. 14

2 TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma** – para compreender o mundo de hoje. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

3 Etimologicamente a palavra é referenciada ao latim *violentia*, relacionada a *viseviolare*, e porta os significados de força em ação, força física, potência, essência, mas também de algo que *viola*, profana, transgride ou destrói. In: ADORNO, Sérgio. Conflitualidade e violência, reflexões sobre a a nomia na contemporaneidade. *Tempo Social; Rev. Sociologia USP*, - São Paulo, 10(1):19-47, maio 1998.

4 SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo** – para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008.

competiu, se corroe, entrou em violência, guerras e decadências. Em Marx, por exemplo, podemos ler e interpretar que quem não descobriu a dignidade da vida, não entende a solidariedade e a igualdade; se não se tem consciência da igualdade, se apela para o estranhamento, a exploração e a dominação⁵.

A violência é um fenômeno que se origina no indivíduo como aspecto de sua dimensão social e reflete nos grupos e instituições seguindo fatores culturais, sociais e psicológicos, causando terror, deslocamento, infelicidades e morte do outrem, além de destruir objetos e bens. A violência, nas interações sociais, envolve atores, agencia situação de contexto, meios, normatividade e valores.

A violência se faz presente em processos que habitualmente a desconhecem, porque não só limita a sua consideração aos fatos abruptos e excessivos, senão a condições socioestruturais que se manifestam na série de ameaças evitáveis contra a satisfação das necessidades humanas básicas. A violência, nesse sentido, consiste na diminuição do nível real de satisfação das necessidades dos sujeitos por baixo do que seria potencialmente possível⁶.

Há alguns esforços os quais classificam a violência em muitos tipos, mas Žižek diz que há basicamente três: a violência subjetiva, visível e exercida por agentes claramente identificáveis, que nos intimida e amedronta e é perpetuada de forma direta pelos indivíduos. A violência objetiva, invisível e está sustentada em um ambiente latente de ações de racismo, machismo e homofobias que passam a ser naturalizados e até despercebidos. As violências “simbólicas” encarnadas na linguagem e em suas formas, naquilo que Heidegger chamaria a “nossa casa do ser”. Essa violência não está em ação apenas nos casos evidentes – e largamente estudados – de provocação e de relações de dominação social que nossas formas de discurso habituais reproduzem; há uma forma ainda mais fundamental de violência que pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de certo universo de sentido, como ocorre, por exemplo, nos discursos fundamentalistas homofóbicos ou misóginos, onde se perpetuam as tentativas infundadas de naturalização de discursos de anormalidade dos gays e lésbicas, ou da condição de submissão biológica da mulher. O terceiro tipo de violência é o que se pode chamar de violência “sistêmica”, que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político que se fundamenta na injustiça e na desigualdade, na pobreza e na miséria, próprias da lógica do capitalismo global, mas que não está expressa por nenhum neoliberal e texto tipo manifesto capitalista⁷.

Estas tentativas de destacar as tipologias de violência⁸esforçam-se também para

5 SILVA, Enio Waldir; MENEGON, C. **Direitos Humanos e as Lutas Emancipatórias na Contemporaneidade: A Economia Solidária e o Feminismo**. Ijuí/RS: Editora Unijui, 2018.

6 Interpretação feita por André Copetti dos Santos em texto dissertativo. Mimeo. Aulas do Mestrado. Unijui, 2018.

7 ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 17.

8 Entre tantos outros tipos podemos destacar referências a: - violência de trabalhadores- greves; violência da nações – guerra; violência do Estado – Polícia; violência negra – Racistas brancos; violência científica – erro ou descontrole da técnica; violência social – descontrole da família, da escola, das leis, da religião, do trabalho encadeado; Violência

criar imaginações menos catastrofistas que inserem a violência como ansiedades e inquietudes de todos. A fragilidade da ordem social impõe discursos de necessidade de forças legais e morais que impeçam a explosão destas ansiedades e paixões. Um mesmo sujeito pode combater atos de barbarismos para populações inteiras e ser afetuoso e demonstrar atos de humanidade para o seu grupo.

A sociologia nos ajuda a compreender este tempo de complexidades e se arvora a ser propositiva no sentido de construir reflexões sobre as bases de uma civilização não violenta e de contribuir para a autonomia, a responsabilidade e a liberdade humana. Se a realidade social foi construída por indivíduos, eles mesmos podem solucionar os problemas para a humanidade. Não aceitamos a naturalização, os discursos de que “as coisas são sempre assim” ou “as coisas são como são”. A sociologia combate a razão melancólica e chorosa dos “sem solução”. E é isso que subjaz a interpretação que se faz dos direitos humanos como uma cultura a permear nossas relações sociais.

ALGUMAS ALTERNATIVAS À VIOLÊNCIA NO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO

A violência, portanto, é multicausal, tanto em gênese quanto em consequências, e estigmática na história da humanidade. Para além das abordagens explicativas dos subjetivistas e objetivistas (holista e tomista), é necessário, também, trazer algumas abordagens de pesquisadores das ciências sociais atuais que a enfocam no campo das relações interpessoais das sociedades complexas e, ao mesmo tempo, suas perspectivas de construção de ambientes sociais onde possamos viver e conviver juntos em tolerância entre iguais e diferentes. Precisamos dos benefícios da dúvida e os alertar para os perigos do pensamento monocausal e desesperador com as causas humanas. Ou seja, não são somente as pitonisas que apontam ou predizem o futuro. Os intelectuais também fazem isso, pelo menos, dizem, sobretudo, sobre aquilo que não querem. Quem mais adequado para falar do futuro do que os intelectuais? Ou não é preciso falar do que possivelmente virá? Então, destacaremos aqui essas *ideias esperanças*, e cheias de dúvidas, daqueles que não vivem de razão melancólica, como acusava Habermas, mesmo que, confessadamente, sejam apenas imaginações sociológicas e filosóficas, pois quem não sonha com o futuro, passa a vida dormindo (Nietzsche), ou, como diz Touraine, precisamos ser sujeitos e como tal jamais estamos obrigados a dizer que nada podemos fazer, pois há luz nas sombras;

estudantil – Movimento Social, invasões...; violência urbana- metropolização...do proletariado: revolução; ...exploração: escravismo; violência verbal : ideologia – imposição da fala ou do silêncio; opressão: humilhação; violência moral – desprezo; violência de injustiça – mal aplicação da lei; violência de gestão – demissão sem justa causa; violência de direita – defesa do lucro da acumulação; violência de esquerda – ataque a todo tipo de propriedade privada, estatização; violência de coação – convencimento a aceitar o que não quer, persuasão; ---coerção: obriga-se a força a aceitar o que não quer, força física e instrumental; violência intelectual- explicação monocausal; violência do poder: dominar as resistência e garantir a obediência; violência da religião: obediência cega aos mandamentos escritos; violência do direito: imposição independente do dever de questionar; violência no jogo: eliminar o adversário, não somente vencê-lo.; violência da autoridade : autoritarismo de estupidez das proibições(oposto é chacota); violência esportiva: impedir, à força, a boa jogada do outro, atrapalhar; violência do terror: apelo irracional sem considerar as consequências; violência nas relações de poder; violência de ódio – quando vemos uma prática de injustiça....

podemos imaginar sempre e recriar novas utopias de praticas sociais solidárias.⁹

O social foi invadido por forças não sociais do interesse, da violência, do medo e por indivíduos que gritam por liberdade pessoal e pelo direito de serem diferentes, embora enterrados nas forças agressivas do mercado¹⁰. O “fim do social” e a cultura de violência, na visão de Touraine, são expressos em forma de realidade absoluta e espetacularizada no mundo virtual que produzem os efeitos de deslocamento dos indivíduos, de crises de referências, de inquietudes, de impulsos irracionais, de estranhezas e de angústias. Os sujeitos fragmentados, dilacerados e cercado por discursos dominantes violentos se recolhem em seu EU, sem unidade, mas apelando por segurança e respeito. Um individualismo forçado que grita por libertar-se, mas teme abrir-se para o coletivo. O que podemos esperar de um indivíduo assim? É o fim do mundo? Há saída para esse tempo de transtorno? Para Touraine o caminho é se dar conta dos valores de pessoa e vida, perceber que somos sujeitos capazes de construir um novo mundo – pois o que temos foi construído por indivíduos; perceber que nossa causa também é do outro sujeito – igual e diferente - e conduzir nossas lutas para os movimentos sociais: lugares mais adequadas para as lutas individuais e coletivas que clamam pela recriação do sujeito, por unidade e pelo coletivo que lhe assegura a vida emancipada e digna¹¹.

No caso do Touraine, esta perspectiva dos movimentos sociais, que são diferentes de manifestações, greves e revoluções, possui três elementos: identidade, oposição e totalidade.

Movimento social é uma combinação de um princípio de identidade (quem somos), de um princípio de oposição (contra quem ou o que lutamos) e de um princípio de totalidade (para quem é a luta). Não será necessário, para travar um combate, saberem nome de quem, contra quem e em que terreno se vai combater? [...] o que caracteriza um movimento social é o desafio da historicidade e não a decisão institucional ou a norma organizacional. Os atores são definidos por suas relações conflituosas com a historicidade (TOURAINÉ, p.108).

Só existe movimento social se a ação coletiva tem objetivos sociais, isto é, reconhece valores ou interesses gerais da sociedade e, por conseguinte, não reduz a vida política somente ao confronto de campos ou classes, ao mesmo tempo em que organiza e desenvolve conflitos estruturais. A idéia de movimento social se concretiza quando anuncia uma razão universalista, de liberdade, de igualdade, de direito do homem, de justiça e de solidariedade, pois a democracia se apoia exatamente nestes princípios que, não necessariamente, devem desembocar em uma situação de violência e arbitrariedade que contrariam os princípios da democracia. Neste sentido, Touraine, defende que devemos participar dos movimentos sociais, canalizar para eles nossas angústias e, a partir da

9 Também diz SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela Mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1996.

10 TOURAINÉ, Alain. Um novo paradigma – para compreender o mundo de hoje. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

11 TOURAINÉ, Alain. Podemos viver juntos – iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 1998.

liberdade de palavra, poder afinar saídas universalizantes, pois individualmente não há saídas. Eis aí uma perspectiva, mesmo que tênue, de Touraine: fortalecer o indivíduo para que ele se perceba sujeito da própria história e perceba o outro também como tal, portanto, podendo afinar interesses e juntos agirem como atores nos movimentos sociais¹².

Outra abordagem alternativa é a de Boaventura de Sousa Santos (2008). Para o autor, se está difícil construir esta nova subjetividade que queira pensar e agir em nome de uma alternativa, muito mais difícil fica combater as violências, principalmente aquelas que assolam as relações sociais e que são produtos da era global. Mas Santos não deixa de apontar uma *sociologia das emergências* que pensa em recolher experiências alternativas que possam se tornar uma rede de resistências. De fato, alguns movimentos sociais podem ser os nós destas redes feitas por fios de experiências bem-sucedidas: os direitos humanos, o feminista, o ecológico, a agricultura familiar, a economia solidária e outras instituições quem tenham um pé no local e a cabeça no global (SANTOS, 2008).

Ali estão se formando saberes contra hegemônicos que são plurais, prudentes (menos utópicos), descentes (éticos), emergentes (novos) e urgentes (fruto das ansiedades) que podem desmascarar as diversas formas de violências, abertas e difusas, da sociedade, estabelecendo uma luta cultural pelo desocultamento dos mecanismos de força que as sustentam. Essa luta será travada de maneira diferenciada em cada contexto social (espaços), pois cada um tem suas formas próprias de ocultação: na família, o *patriarcalismo machista*; no mundo da produção, o *expansionismo*; no mercado, o *consumismo*; na comunidade, os *condomínios fechados* (comunidade fortaleza); na cidadania, a democracia das *elites autoritárias*; e no espaço mundial, o inimigo dos movimentos sociais e das vozes alternativas são o *desenvolvimento desigual e a soberania exclusiva*.

Detectado o inimigo e junto com perspectiva de derrotá-lo, é preciso pensar o que emerge em seu lugar, afinal, para a crítica ficar completa há que se apontar o que substitui aquilo que se nega. Para aqueles espaços onde é preciso avançar na luta, Santos aponta: as famílias por *afetividade*; a produção *ecossocialista*; o mercado com bases em *necessidades genuínas* ou consumo solidário; as *comunidades abertas* e hierarquias suaves; a *democracia participativa* e o cosmopolitismo e o *patrimônio comum da humanidade* são os substitutos daquilo que se nega da cultura hegemônica dominante.¹³ Assim, de experiência em experiência vamos construir os nós de uma rede alternativa à lógica capitalista e fortalecer uma cultura democrática adequado aos que anseiam ser felizes nos locais sem se desesperar, olhando para ameaças globais. O experimentalismo democrático sai da senda discursiva totalizante e se agrupa nas relações humanizadoras.

Uma terceira alternativa é possível ser visualizada em Edgar Morin em sua releitura da humanidade da vida da pessoa. Assim, a violência não é um fenômeno humano natural,

12 SILVA, Enio Waldir da. Estado, Sociedade Civil e Cidadania no Brasil. – Bases para uma cultura de Direitos Humanos. Ijuí/RS: Uniu. 2014. P.183

13 Apontado por SILVA, Enio Waldir. Sociologia Jurídica. Ijuí/RS: Unijuí, 2017.

mas a este se agrega diante da lógica da existência e da defesa da vida. Ou seja, para assegurar a vida, os indivíduos querem extirpar todas as ameaças a ela, como diz Morin:

O ser humano é razoável e não é racional e afetivo... na ruptura dos controles racionais, culturais, materiais, quando há confusão entre o objetivo e o subjetivo, entre o real e o imaginário, hegemonia de ilusões, insensatez, o *homo demens (natural)* submete *homo sapiens (cultural)* e subordina a inteligência racional a serviço dos seus monstros (MORIN, 2007, p.127).

Assim, a violência é usada por muitos indivíduos para o enfrentamento de seus medos ou nas realizações de suas esperanças. Esta violência é própria da agressividade que é usada para a defesa da lógica natural de autopreservação da humanidade. Fora disso, é ato de irracionalidade injustificada, instrumentalizada e descontrolada, gerada nos convívios. Mas foi a razão que inventou os instrumentos de violência (!). Porém, e mesmo por isso, a razão pode resolver ou controlar sua invenção. O ser humano possui a lógica da cognicidade¹⁴, então é possível construir diques (antídotos) para estas ameaças, para os maus usos dos instrumentos de violência. Para Morin, a solidariedade está também na lógica humana, pois nos dedicamos ao outro tanto quanto a nós mesmos. Recuperar este potencial da solidariedade é redescobrir a humanidade da vida que foi jogada no mundo da concorrência e disputa. Foi esta corrida que nos levou a um mistério de nós mesmos, por mais avançados que sejam os conhecimentos. Estranhos a nós mesmos nos maltratamos. Como podemos tratar bem o outro se não conhecemos a nossa complexidade e não cuidamos de nós?

Os diversos ângulos que tentam esclarecer o humano estão separados e não conseguem restituir a condição humana. O homem continua desconhecido e estranho, mas é preciso continuar fazendo o esforço filosófico e sociológico para reformar o pensamento e querer pensar para além das ciências (na arte, na literatura, etc.) o que levou nossa humanidade a essa desumanidade, e fazer esforços para recuperar a lógica da solidariedade como antídoto da violência e da estupidez. O lugar ideal desta reforma do pensamento para torná-lo complexo (implicado) é a educação escolar (MORIN, 2007; p.18)

Fazendo eco a esta leitura, podemos alocar Humberto Maturana (1998), quando diz que um dos piores resultados da violência tem uma marca: a dor humana, especialmente a dor da fome, do frio, da insegurança, do desrespeito, da dominação e do desafeto. A dor é circular, parecendo que só a causando ao seu causador pode se aplacar a força. A vingança soa então como um dos maiores problemas da civilização. Como diz Paulo Freire: “o sonho do oprimido, quando não bem educado, é ser opressor”. As violências são, também, traduções dos medos da “dor” na sua condição física (medo das doenças), medo do erro de inteligência (formas de pensar, ignorância, incertezas), medo do desconhecido em sua espiritualidade (castigo de Deus e ou invasão do Diabo), medo do outro, em sua lógica mental (a presença do outro diferente e estranho que não fala ou dialoga), medo do

14 MORIN, Edgar. Método 5 – humanidade da humanidade – a identidade terrena. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

desprezo que vem da nossa dimensão afetiva (a atração amorosa ou paixão – sexualidade, o abandono familiar), medo da miséria e da pobreza que vem da condição econômica (renda para a dignidade de alimentar-se, de ter saúde, para morar, ter trabalho, educar-se...), etc. Cercado destes medos, os atos de esperanças se tornam residuais e isolados e sem efeitos para concertar, refazer ou reconstruir. Para enfrentar estes medos, Humberto Maturana propõe a cultura do afeto. Mais de 90% de nossos atos são causados pelas emoções, afetos e não por racionalidades¹⁵. Esta nova posição explicativa biossociológica do homem pode levar-nos a respeitar a condição de si e do outro, pois quem não respeita a si não respeita o outro; portanto, é capaz de atos violentos. Mas a grandeza da sociedade acontece quando o indivíduo se sente solidário com dor do outro e isso foi graças a seu poder de afeto.

O que se duvida sempre é de que exista violência que concerte. Ela não é humana, não é afetiva, é um desvio da racionalidade deste. Ela é sempre destrutiva. À força que concerta podemos dar outro nome, mas não violência. A prática da violência como toda ação, transforma o mundo, mas a transformação mais provável é em um mundo mais violento (ARENDR, 1970; p.51)

No entanto, ameaçado em uma destas condições asseguradora da existência, o indivíduo reage. O conjunto destas reações resulta em um caos, um ambiente *caosmo*, como diz Santos (1996). Mas a reação não é já a violência. Primeiramente teríamos a situação de conflito – próprio das diferenças que se acirram - e depois a reação como ato agressivo – é instintivo e natural, aparece quando é provocado - se não for controlado, chegará aos crimes e a violências. O conflito é percebido pela exacerbação das diferentes compreensões, precisando, muitas vezes, apenas de um mediador, de um acordo; a agressão, pelo afastamento da ameaça imediata. Os crimes geralmente podem ser resolvidos na esfera da lei e das estruturas jurídicas (nem todo o crime é violento). A violência, no entanto, não é possível delimitar as consequências e os caminhos exatos da resolução¹⁶. Se não podemos medir as consequências da violência, o melhor de tudo é não deixá-la começar.

Alguns pensadores como Arendt, relacionam às explicações da violência à necessidade de poder do ser humano. Pensam que, tendo o poder, ele enfrenta todas as ameaças. O problema é que, com poder, o indivíduo mesmo se torna uma ameaça¹⁷. A violência é a manifestação do poder que quer garantia de ser obedecido ou ao que se quer desobedecer, resistir.

Uma das mais óbvias distinções entre o poder e a violência é que o poder tem a necessidade de números, enquanto que a violência pode, até um certo ponto, passar sem eles por basear-se em instrumentos de legitimidade. A forma extrema do poder resume-se em Todos contra Um, e a extrema forma

15 MATURANA, Humberto. *Uma abordagem da educação atual na perspectiva da biologia do conhecimento*. In: **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1998. Pág. 7/35.

16 SILVA, Enio Waldir. **Sociologia Jurídica**. Ijuí/RS: Unijuí, 2017.

17 ARENDR, Hannah. **Da violência**. 1970. Disponível em: <www.sabota-gem.revolt.org>.

Em nome do poder, que pode ser o Estado ou um déspota, o sistema todo pode virar uma violência, que é imposta e não proposta, corrompe a figura republicana democrática, pois em nome do poder, que se tem ou que se quer ter, se faz imposições a ele como guerras e revoluções. Mas, por incrível que pareça, a violência que mais nos ameaça é aquela que aparece próxima de nós, em nossas janelas e portas, gritando na TV da sala, nos quartos pelas redes sociais e não tanto das guerras e revoluções. Não nos preocupamos quando alguém nos diz que existe uma realidade concreta de guerra que, se estourar, pode varrer da face da terra todos os indivíduos e seus bens, como alerta a Ciência Política. Esta grande ameaça parece distante uma vez que seria suicídio dos atores, e para a tal violência não existe controle, nada podemos fazer. Parece que hoje rejeitamos a ideia de construir a paz pela guerra, ainda mais diante das armas tecnológicas, as quais nem sabemos que existe ou não sabemos usar. Talvez por isso não tenhamos a unidade dos movimentos sociais globais. Lutamos por causas societais, mas com temas pontuais dentro dos Estados nacionais.

Contrapondo o discurso do poder global, temos o discurso do poder não violento, a teoria do poder compartilhado, ainda com argumentação relativa e escassa na luta pela conquista do Estado democrático. É este poder que se liga mais a objetivos pessoais do que a razões nacionais ou grupais, que precisa ser melhor discutido. Talvez nossa grande angústia seja a impotência diante da impossibilidade de fazer alguma coisa ante as decisões dos “homens de guerras das nações”. Não é bem assim que acontece nas relações sociais. A violência aqui é outra, mais sorrateira e ceifa mais vidas.

Mas o incrível nisso que, mesmo na guerra, é como se convence o outro a ir para guerra, como os milhares de jovens americanos (e de outros países). Não vamos entrar nesta discussão do poder que persuade as pessoas a arriscar suas vidas (nas guerras, nos esportes radicais, no terrorismo, etc.), mas são fortes as interrogações e argumentações de que a violência inicia nas dimensões das relações interpessoais. Somente ameaçado, amedrontado e com esperança de que a guerra elimina os medos é que um indivíduo se sujeita a outro ou uma instituição para ir, coletivamente, ao ato violento da guerra. Somente o interesse pessoal em defender a sua vida faz com que o indivíduo se submeta à força do coletivo. O grupo faz desaparecer o individualismo e se torna campo fértil para atos irracionais e violentos, parecendo proteger o violento, encantando-o, iludindo-o e elevando-o.

Este poder partilhado pode ser pensado com a *teoria da ação comunicativa* de Habermas, a que imagina a força de todos como co-controlada por todos, e os conflitos são impedidos de explosão para não se tornarem violências. Trata-se de um poder legítimo e concertante que usa o consenso advindo de uma razão também partilhada na relação de entendimento que aconteceu na esfera pública. A saída de Habermas se concentra no

processo de comunicação que se sobrepõe ao instrumentalismo de grupos, emerge de uma esfera pública que está para além do Estado e não presa as próprias objetividades deste. Por isso, para a violência dos cotidianos, esta proposta parece ser a mais adequada, já que é no mundo da vida que as experiências mais pacíficas de entendimentos se concretizam¹⁸.

Neste caso, aqui depende de razões intersubjetivas pelos quais se entende que o interesse de um seja consubstanciado pelo desejo do outro e não necessariamente depende de esfera pública legal. A validade aqui encontra poder na própria cultura democrática de reconhecimento dos múltiplos sujeitos de fala. Afinal, é este poder igualitário de fala que é capaz de descolonizar o poder instrumental de Estado, do mercado ou do dinheiro. Assim o poder é gerado de forma partilhada e usado da mesma forma. Nesta teleologia de Habermas, o Direito e o Estado, assim como interesse de mero lucro, ficam submetidos ao poder compartilhado, passando a ser expressão de força de legitimidade do procedimento da nova sociedade justa, refundada. Teríamos assim o Estado (novo) Democrático (procedimental novo) de Direito (vivo e com força argumentativa nova) com poder comunicativo que se renova sempre na comunidade ideal de fala: franca, honesta, aberta, democrática, ressonante, igualitária, válida, etc. e com pretensão de universalidade¹⁹.

O cidadão da sociedade (mundo da vida) é o provedor da legitimidade do poder compartilhado que aciona Estado, direito e justiça como garantidores da paz e da não violência. Esta é fruto do estranhamento, da razão técnica ou irracionaisismos dos interesses e os conflitos, seus antecessores, passam a ser pacíficos e tendentes à busca de consenso e reconhecimentos mútuos, pois ainda se defende que a evolução da razão é o esteio e o antídoto contra a violência, mas é preciso corrigir seus desvios, fazê-la retornar aos fundamentos emancipatórios. Também não é pela violência revolucionária que se concerta a razão. A revolução fica removida do discurso teleológico de Habermas. Prefere a via da comunicação que recupera a razão moderna desviada de seu fim emancipador. A violência dos dominados contra a dos dominadores, a violência purificadora de Sorel e outros marxistas, pode chegar a uma circularidade de terror em que as vidas seriam novamente instrumentalizadas.²⁰

De fato, não teríamos como chegar a esta *violência não selvagem* e fruto da *paixão vivida coletivamente* de Sorel²¹, sem antes termos criados um entendimento possibilitado por diálogos éticos, abertos e democráticos. Embora, em Sorel, este coletivo se refira a quem vive na carne a exploração, hoje há muitas formas de desviar e viciar seus interesses pelas múltiplas formas de informação que circulam na sociedade. Mudar o conteúdo destas informações para que elas virem comunicações fundadoras de opiniões públicas democráticas e democratizantes parece também ser a utopia viva de Habermas, uma vez

18 HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa – racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid: Taurus, 1999.

19 HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e interesse*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

20 MAFFESOLI, M. *A dinâmica da Violência*. São Paulo: Vertice, 1987.

21 SOREL, G. *Reflexões sobre a violência*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

que estes estão nas mãos de proprietários que controlam o mercado e o Estado.

Segundo o próprio Habermas (1995), as mídias de massa e do entretenimento fraudaram a essência da esfera pública, pois passaram a vincular encenação dos poderes políticos autocráticos, e os interesses comerciais sobrepujaram os interesses públicos, manipulando a opinião pública, impedindo discussões racionais. A mídia de hoje não dá lugar a uma razão pública mais universal²². Por isso a violência do sistema não aparece como violência, mas bloqueia os mecanismos comunicativos que formam e reproduzem as convicções legitimadoras do poder dominante²³. Temos de contar, para os efeitos que queremos nas violências das relações sociais, com outros instrumentos de comunicação não controlados. Os entendimentos mútuos podem ser feitos pelas redes sociais? Os exemplos de hoje não estão proliferando uma nova razão humanitária e sim expressando a crise geral da razão que cria outras violências e mentalidades criminais.

Continuamos a apelar por uma razão sem violência. O fogo da razão deveria desentortar os ferros da violência que agarrou o social, o político, o econômico e o cultural. Como um fenômeno social, um fato experienciado e negado por todos, a violência não existe *per si* e é mal-estar da sociedade que está espetacularizada nas mídias, apelando e apontando soluções parciais de sensacionalistas punitivistas, sucumbido no fascismo societal (SANTOS, 1996).

Força, coerção e dano, em relação ao outro, enquanto um ato de excesso presente nas relações de poder – tanto nas estratégias de dominação do poder soberano quanto nas redes de micropoder entre os grupos sociais – caracteriza a violência social contemporânea (TAVARES DOS SANTOS, 2002).

Wieviorka lança hipótese explicativa para uma questão sobre a obsessão punitiva de nossa sociedade contemporânea, materializada nas chamadas “demandas por ordem social”, explica-se justamente pelo modo de funcionamento da sociedade de risco que edifica toda uma imensa e resistente superestrutura de prevenção e segurança (por meio da proliferação das sociedades de seguro e dos mecanismos de vigilância privada) para encarar os medos, perigos e ameaças que tornam a vida humana, social e intersubjetiva, absolutamente incerta.²⁴ (p. 38).

A violência liga-se a indivíduos que perderam a esperança, já estão sem causa objetiva, sem razão histórica e são como representantes da miséria do mundo que zombam da tentativa das autoridades de querer impor a ordem sem atacar o que causa a desordem²⁵. No entanto, ela é causada pela diminuição do controle social feito família, pela religião, pela educação, pelo trabalho e pelo Estado. Com isto, parte-se do pressuposto de que a ordem

22 HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência como ideologia*. Lisboa:Edições70, 1975.

23 HABERMAS, J. O conceito de poder de Hannah Arendt. In: FREITAG, B.; ROUNAT, P. (Orgs). Habermas. São Paulo: Ática, 1987. p. 100-118.

24 WIEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. *Tempo Social; Rev.Sociologia USP*, São Paulo, 9,5-42, maio 1997.

25 TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. *Microfísica da violência, uma questão social mundial*, São Paulo, ano 54, n.1, p.22-24, jul. 2002

de nossas sociedades não pode ser obtida pelo reforço das regras e dos comportamentos conformes com elas. A integração somente será possível se o indivíduo, sua vida e sua palavra, estiverem no centro da vida coletiva: se o indivíduo puder falar, se for ouvido e entendido. Ou seja, é no aspecto individual que mais se situam as causas e impactos de ações desordenadas produtoras de resignações. A crise do sujeito individual levou a protestar contra todas as pontes entre ele o coletivo²⁶. Os laços sociais enfraqueceram, a cidadania se dilacerou e a dignidade se desloca para vários pontos de desejos humanos. As formas de desintegração que nos parecem mais graves são aquelas que não deixam o indivíduo agir como sujeito, que desintegram a sua personalidade, que o impedem de ligar seu passado e seu futuro, sua história pessoal a uma situação coletiva, e o tornam prisioneiro da dependência (TOURAINÉ, 1998, p. 314/315)

O indivíduo, por si só, não poderá resistir à violência. Mas cada indivíduo descobre em si mesmo, na defesa de sua própria liberdade, sua capacidade de agir de maneira autorreferencial, na busca da felicidade, dizem os subjetivistas. Estes tentam mostrar destruição da ideia de que a sociedade só pode nos salvar de uma catástrofe se ela levar à construção da ideia de sujeito, à busca de uma ação que não procura nem o lucro nem o poder nem a glória, mas que afirma a dignidade de cada ser humano e o respeito que a vida merece, capaz de impedir que nossas sociedades caiam numa extenuante violência concorrencial generalizada. Atualmente, o sujeito é aquele que tem consciência do direito de dizer eu, mas o sujeito em formação não pode se perder em falsos caminhos (obstáculos) que são reforçados pelos valores dominantes que tendem a assinalar a cada um seu lugar e a integrá-lo no sistema social sobre o qual não pode exercer influência.

Muitas pesquisas concluem que é a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades sociais, produtoras de ansiedades em relação ao presente e futuro das pessoas, o antídoto para a violência social. Ao estar na miséria, tem-se mais possibilidades de confluências destas ansiedades e geram-se várias vulnerabilidades, estranhamentos e ações desintegradoras dos laços sociais²⁷.

Por outro lado, os mecanismos e os processos criados para a ordenação social se encontram impotentes para cumprir suas próprias funções, tanto por que não controlam as determinações maiores que causam esta situação, quanto por não estarem preparados para criar saídas democráticas e racionais diante da nova complexidade social. Grande parte da fragilidade da atuação na área de conflitos, no entanto, está relacionada à falta de políticas específicas que garantam espaços e infraestrutura adequados ao trato dos problemas.

No Brasil, a violência é herdada por sua estrutura e característica de sociedade escravocrata. Jessé de Sousa (2009) É na escravidão que estão os genes de uma

26 TOURAINÉ, Alain. Podemos viver juntos –iguais e diferentes. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

27 SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente* –contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

sociedade que humilha e mata os pobres. A mídia, a justiça e a intelectualidade, de maneira quase unânime, estão a serviço dos donos do poder e se irmanam no objetivo de manter o povo em um estado permanente de letargia. A menta escravocrata atravessa classes sociais e atinge o nó górdio da história de nossas sociabilidades que vê o outro como fonte de exploração e dominação.

...Temos uma ínfima elite econômica a qual se une uma classe que podemos chamar de média, detentora do conhecimento tido como legítimo e prestigioso. Ela também compõe a casta de privilegiados. São juízes, jornalistas, professores universitários. O capital econômico e o cultural serão as forças de reprodução do sistema no Brasil. Em outra ponta, temos uma classe trabalhadora precarizada, próxima dos herdeiros da escravidão, secularmente abandonados. Eles se reproduzem aos trancos e barrancos, formam uma espécie de família desestruturada, sem acesso à educação formal. É majoritariamente negra, mas não só. Aos negros libertos juntaram-se, mais tarde, os migrantes nordestinos. Essa classe desprotegida herda o ódio e o desprezo antes destinados aos escravos. E pode ser identificada pela carência de acesso a serviços e direitos. Sua função na sociedade é vender a energia muscular, como animais. É, ao mesmo tempo, explorada e odiada (SOUZA, 2009)

É preciso entender mais profundamente que a sociedade brasileira foi forjada à sombra da escravidão, que é característica específica ou especial do Brasil. Somos filhos de um ambiente escravocrata, que cria um tipo de família específico, uma justiça específica, uma economia específica que humilha e condena os mais frágeis ao abandono e à humilhação cotidiana. O ódio aos pobres é tão intenso, que qualquer melhora na miséria gera reação violenta como uma rapina econômica que também reflete o mesmo padrão do escravismo.

É preciso confrontar o passado escravista para compreender o Brasil moderno, quando a insegurança é agravada pela intervenção das forças da ordem: clima de terror para as classes populares; banalização da brutalidade; desconfiança na lei e no poder legal; visíveis problemas da dominação racial; soluções privadas para o problema da insegurança; falta de Estado de Direito (como tal). Prevalece a cultura de escravo tanto nas elites, quanto nas classes que sonham ser elite, e nas classes populares que esperam migalhas das elites. Exacerba-se a violência de pobre contra pobre, mais do que pobres contra ricos. Na sociedade brasileira, houve a disseminação da violência criminal, com uma mudança das formas de delitos e de violência: a) o crescimento da delinquência urbana, em especial dos crimes contra o patrimônio (roubo, extorsão mediante sequestro) e de homicídios dolosos (voluntários); b) a emergência da criminalidade organizada, em particular em torno do tráfico internacional de drogas que modifica os modelos e perfis convencionais da delinquência urbana e propõe problemas novos para o Direito Penal e para o funcionamento da Justiça Criminal; c) graves violações de direitos humanos que comprometem a consolidação da ordem política e democrática (TAVARES, 2002).

Adorno (1998) refere-se à máfia como exemplo para contextualizar a nova realidade

sob a qual o crime e a violência apresentam-se na sociedade atual, por meio de organizações criadas em determinados contextos locais específicos que dificultam sua expansão, mas facilitam a formação de redes de solidariedade criminosa. Estas redes apresentam, em comum, o fato de que sempre contam com a corrupção estatal para estabelecer e manter sua rede de negócios²⁸ e influências.

As saídas relacionadas à modificação nas relações sociais são possíveis com mudanças na constituição psíquica do ser humano, tendo como ponto central a reconstrução de sentimentos e emoções. Mas mudanças nas relações sociais acabaram atropelando a constituição psíquica humana, que sucumbiu diante de novas e contundentes exigências de adaptação. Com isso, houve um visível crescimento das tendências antissociais, do isolamento, do medo coletivo e individual, da intolerância extremada e da alienação dos indivíduos²⁹.

As práticas dos indivíduos são alimentadas por forças nem sempre visíveis. Todos reagem diante de atos violentos e possuem diferentes interpretações deles. Refletimos aqui um pouco sobre as razões pelas quais sujeitos individualizados e/ou grupos envolvem-se em processos de violência e destacamos algumas alternativas feitas nas ciências humanas. Certamente, é um objeto para muitas pesquisas futuras, independente da forma como a violência atinge a visão imediata do investigador.

As propostas de saídas, de indivíduo forte e solidário integrado nos movimentos sociais de Alain Touraine, como a rede de resistências locais e globais, de Boaventura de Sousa Santos, a educação para complexidade, de Edgar Morin, a república democrática com poder compartilhado, de Ana Arendt, a ação comunicativa, de Jurgen Habermas e a visão do indivíduo portador de potência de afeto, de Humberto Maturana são imaginações intelectuais, entre outras, que devem estar nos horizontes das pesquisas colaborativas futuras que se esforcem para a compreensão da violência e dos caminhos para seu controle.

CONCLUSÕES

A violência de hoje é expressão da crise civilizacional pela qual passamos. Ela não é assunto somente daqueles atingidos diretamente por ela, mas de todos os que experienciaram a dor advinda das relações sociais desconstrutoras de sociabilidades e que atinge a capacidade dos indivíduos entenderem e se orientarem diante de seus deveres e direitos. É um fenômeno social que invade as análises científicas, que se embate com valores, ideologias e representações diversas. O cuidado sociológico, no entanto, alerta para a gravidade do fenômeno e das vozes dos segmentos sociais que apontam soluções.

28 ADORNO, Sérgio. Conflitualidade e violência reflexões sobre a nomiana contemporaneidade. *Tempo Social; Rev. Sociologia USP*, São Paulo, 10(1): 19-47, maio 1998.

29 Citado por MINAYO, M.C.deS. *A violência social sob a perspectiva da saúde pública*. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994

As denúncias e a reflexão científica do problema social são coisas bem diferentes, mas se atingem. Localizar a origem da violência no indivíduo, ou no sistema e não em ambos, por exemplo, pode apontar mais dificuldades que soluções para os contextos das pobrezas, das desigualdades, marginalidades, segregações, classes sociais, etc..

É na lógica do capitalismo de mercado a qual busca, incessantemente, o lucro, a exploração, a dominação, a concorrência e a livre acumulação que encontramos as raízes da violência que está no nosso contexto. Com artimanhas especiais e sorradeiras, esta lógica força a cultura de consumismo a se tornar um ópio que impede o indivíduo de perceber sua dignidade e, por consequência, do outro. Da violência objetiva do sistema é gerada a violência subjetiva que se expressa em mentes aliciadas sem disposições para a vida simples, solidária e igualitária.

A violência é fonte e constrangimento de sociabilidades e, por isso, é um fenômeno que não pode ser banalizado quando é definida como algo que destrói, viola, ameaça a integridade humana. A violência é o ponto final do conflito, é mais do que crime, mais complexa que mera agressão e estranhamento. No interior, ações e falas ela aparece como uma cultura, códigos e normas marcadoras das sociabilidades não pautadas por valores universais, mas atravessadas por inseguranças, ansiedades, medos e confusões com as esperanças. Na era da informação e de complexidade social, a violência fragiliza e fragmenta os laços sociais e distorce a imagem entre um e o outro. O uso das mídias pode levar à banalização, à mistificação e à naturalização da violência e a uma má imagem do mundo social, de si mesmo e do outro; é reduzido à pior espécie que deve ser banida do meio em que se vive: “sem a aceitação e o respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro e, sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social como diz Humberto Maturana (1998).

Se as relações sociais são orientadas por sistemas de normas e valores enquanto representação social de um dado ordenamento do social, é na análise destas mesmas relações que podemos qualificar e quantificar os atos destrutores promovidos pela violência em seus mais variados tipos. Mas a análise de cada tipo é uma tarefa árdua. Fizemos aqui, um esforço e uma tentativa de ampliar as visões sobre o clima histórico em que vivemos. Não nos parece que os seres estão buscando alguém para odiar, para dominar e para explorar. Há forças solidárias que estão adormecidas e sufocadas pela lógica do lucro. Esta solidariedade precisa ter potencialidades pela satisfação das necessidades genuínas dos indivíduos. A humanidade digna precisa de alimento, de moradia, de saúde, de educação, de trabalho e de segurança cidadã. Fruto de discursos e negociações, as leis se impõem como racionalidades para criar configurações reais para garantir direito, justiça e proteger tudo aquilo que é necessário para garantir dignidade a todos e que caminha em direção à emancipação, ao desenvolvimento social e à fortificação dos indivíduos ligados comunicativamente e protegidos institucionalmente para iguais chances de alcançar os objetivos da vida autodeterminada. Esta justiça será o encontro da liberdade de se poder

ter e poder adquirir com a igualdade de chance para todos, encontro entre o gozo de liberdades subjetivas dos sujeitos particulares e a autonomia pública dos cidadãos.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **Da violência**. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **Poder, derecho y classes sociales**. Genèv: Droz, 1972.

FLORES, Joaquin Herrera. **Teoria Crítica dos Direitos Humanos**. Os direitos humanos como produtos culturais. Rio de Janeiro: Editora Lúmen Juris. 2009

HERITIER, Françoise. **Masculin/féminin. La pensée de la différence**. Paris: Odile Jacob, 1996, p. 28.

MORIN, Edgar. Método 5 – humanidade da humanidade – a identidade terrena. Porto Alegre: Sulinas, 2007.

MATURANA, Humberto. *Uma abordagem da educação atual na perspectiva da biologia do conhecimento*. In: **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 1998. Pág. 7/35.

SANTOS, José Vicente Tavares (Org). **Violência e Cidadania** – Práticas sociológicas e compromissos sociais. Porto Alegre: Sulinas; UFRGS, 2011; p. 14

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo** – para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2008.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma** – para compreender o mundo de hoje. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos Viver Juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 17.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acolhimento 266, 267, 270, 271, 272, 273, 280

Aislamiento 130, 131, 138

Alfabetização 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 167, 168, 184, 215, 306, 343

Alfabetización informacional 288, 289, 290, 296

Amplificadores culturais 63, 64, 65, 67, 69, 70

Ansiedade 154, 155, 156, 157, 159, 160, 162, 163, 164, 268

Aprendizagem 32, 33, 34, 36, 37, 52, 53, 56, 61, 62, 64, 67, 95, 96, 117, 119, 121, 123, 124, 127, 142, 144, 146, 149, 166, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 220, 222, 224, 230, 241, 242, 243, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 256, 260, 261, 262, 268, 271, 273, 278, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 306, 307, 308, 309, 311, 312, 313, 314, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 323, 324, 325, 326, 327

Aprendizaje 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 195, 196, 203, 204, 235, 236, 237, 238, 239, 290, 295, 296, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342

Atividades extracurriculares 206, 210

B

Brincar 53, 54, 63, 67, 69, 182, 241, 243, 244, 245, 251, 252, 253, 297, 298, 303, 307

Brinquedo 69, 245, 252, 297, 298, 299, 302, 304, 305, 306, 307, 308

C

Capoeira 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Ciclos escolares 166, 167, 168, 169, 171, 175, 178, 186, 188

Cinema 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

Cinematoteca potiguar 80, 81, 82, 93, 94

CMS Wordpress 80, 81

Colaboración 95, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 112, 135, 137

Competencia 136, 141, 192, 193, 194, 196, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 328, 332, 341

Comunidade escolar 121, 128, 272, 275, 280, 284

Contenidos 106, 111, 235, 236, 237, 238, 239, 291

Covid-19 124, 130, 131, 132, 133, 138, 139, 254, 266

Cultura escolar 116, 117, 118, 119, 120, 125, 128, 287

D

Depressão 154, 156, 157, 159, 162, 163, 164, 165

Direitos humanos 1, 2, 3, 5, 6, 8, 15, 18

Docentes universitários 154, 156, 158, 163

Dualidade histórica 19, 24

E

Ecosistema 96

Educação 1, 2, 9, 10, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 50, 58, 61, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 88, 93, 95, 96, 116, 117, 118, 119, 120, 124, 127, 128, 129, 142, 143, 149, 155, 156, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 227, 229, 232, 233, 234, 241, 242, 243, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 278, 280, 281, 282, 284, 286, 287, 297, 299, 302, 303, 306, 308, 309, 311, 312, 314, 315, 327, 343, 345

Educação antirracista 38, 45, 50

Educação básica 28, 178, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 241, 243, 249, 256, 258, 262, 263, 312, 315, 327, 343

Educação física 23, 158, 159, 160, 241, 243, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253

Educação infantil 63, 64, 66, 67, 69, 70, 117, 180, 253, 308, 312

Educação profissional e tecnológica 19, 20, 23, 27, 28, 29, 30

Emancipação 1, 17, 19, 259

Empoderamento 266, 273

Enseñanza 101, 104, 113, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 192, 193, 195, 235, 238, 239, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 341

Enseñanza-aprendizaje 104, 130, 132, 135, 136, 139, 140

Ensino fundamental 41, 52, 116, 117, 119, 124, 164, 166, 167, 168, 171, 175, 185, 188, 190, 222, 248, 249, 254, 256, 297, 298, 299, 306, 307, 312

Ensino no campo 254

Ensino remoto 124, 254, 256, 259, 260, 267, 268

Escola Pública Estadual 116

Espaços culturais 116

Estresse 154, 155, 156, 159, 160, 161, 162, 164, 165

Experiência 8, 14, 38, 53, 70, 117, 124, 146, 160, 206, 207, 209, 210, 245, 252, 266, 269, 271, 272, 273, 275, 284, 285, 309, 311, 313, 314, 318, 325, 327

F

Folclore 38, 39, 40, 45, 48, 49, 143

Formação docente 29, 45, 72, 73, 75, 78, 79, 206, 208, 210, 214, 215, 259, 346

Formação humana integral 19, 23, 24, 27

Formação inicial 25, 206, 207, 209, 217, 224, 309, 310, 311

G

Gestão 6, 31, 32, 35, 36, 37, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 124, 127, 166, 168, 169, 178, 186, 188, 214, 218, 223, 234, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 285, 286, 287

Gestión deportiva 235

Grupos de pesquisa 206, 250

I

Identidade 7, 9, 18, 38, 39, 40, 43, 44, 46, 48, 81, 118, 120, 153, 170, 184, 185, 209, 223, 264, 270, 273, 299

Imagem 17, 34, 36, 38, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 59, 60, 88, 89, 173, 253

Inclusión 95, 112, 115

Indígenas 26, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 92, 141

Interesses 7, 8, 12, 13, 93, 126, 150, 179, 186, 187, 207, 259, 261, 262

J

Jogos cooperativos 241, 243, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253

Juventude 142, 145

L

Liberdade 6, 7, 8, 14, 17, 18, 142, 143, 145, 147, 149, 153, 177, 256

M

Matemática 306, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 327, 343

Medo 7, 9, 10, 16, 142, 143, 144, 145, 152, 153, 155, 162, 184, 266, 268

Métodos 29, 33, 62, 70, 116, 131, 137, 156, 161, 170, 194, 195, 235, 242, 250, 271, 276, 278, 290, 320

N

Neurociência 51, 52, 54, 56, 60, 61, 62

P

Pedagogia 23, 28, 50, 80, 158, 166, 179, 217, 251, 252, 264, 309, 311, 312, 313, 314

Pensamiento analítico 328, 331, 332, 342

Praça 88, 142, 143, 144, 146, 147, 149, 151, 152

Práticas culturais 116, 127, 128, 220, 252

Práticas educativas 119, 206, 207, 208, 221, 254

Professional 19, 96, 112, 206

Professor 1, 37, 39, 45, 49, 67, 69, 72, 76, 77, 78, 80, 121, 143, 146, 154, 156, 160, 163, 164, 165, 170, 172, 173, 174, 175, 180, 184, 185, 187, 206, 209, 211, 213, 215, 216, 217, 245, 249, 250, 251, 256, 260, 262, 263, 270, 271, 274, 286, 299, 306, 307, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 318, 320, 322, 323, 326, 343

Progressão continuada 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191

Psicomotricidade 51, 52, 53, 54, 56, 58, 60, 61, 62

Q

Qualidade 26, 27, 32, 34, 35, 36, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 175, 177, 181, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 213, 214, 215, 218, 224, 225, 232, 233, 257, 259, 261, 262, 268, 275, 279, 281, 282, 286, 311

Qualidade de vida 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

R

Recomeço 266, 267, 269, 272

Región Mixteca 130, 133, 135

S

Sostenibilidad 95, 109

Streaming 80, 81, 82, 91, 92, 93, 108

T

Tecnología de información y comunicación 288

Tecnología educativa 130, 131, 136, 138, 140

Tecnologias 23, 31, 33, 63, 69, 70, 80, 81, 82, 91, 127, 164, 220, 221, 230, 242, 253, 259, 260, 262, 264, 267, 268, 269, 270, 273, 307

Teoria histórico-cultural 63, 64, 65, 70, 297, 298, 299, 300, 308

V


Violência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 40, 126, 144, 145, 152

Virtualización 135, 328, 331

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Gestão e práticas pedagógicas 2



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

A EDUCAÇÃO ENQUANTO FENÔMENO SOCIAL:

Gestão e práticas pedagógicas 2



- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br